

# Assemblage

## Definição

O termo *assemblage* é incorporado às artes em 1953, cunhado por Jean Dubuffet (1901 - 1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de *assemblages* é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. O trabalho artístico visa romper definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana; ruptura já ensaiada pelo dadaísmo, sobretudo pelo *ready-made* de Marcel Duchamp (1887 - 1968) e pelas obras *Merz* (1919), de Kurt Schwitters (1887 - 1948).

A ideia forte que ancora as *assemblages* diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. Menos que síntese, trata-se de justaposição de elementos, em que é possível identificar cada peça no interior do conjunto mais amplo. A referência de Dubuffet às colagens não é casual.

Nas artes visuais, a prática de articulação de materiais diversos numa só obra leva a esse procedimento técnico específico, que se incorpora à arte do século XX com o cubismo de Pablo Picasso (1881 - 1973) e Georges Braque (1882 - 1963). Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade - pedaços de jornal, papéis de todo tipo, tecidos, madeiras, objetos etc. - a colagem liberta o artista de certas limitações da superfície.

A pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, o que pode dificultar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura. Em 1961, a exposição *The art of Assemblage*, realizada no Museum of Modern Art - MoMA de Nova York, reúne não apenas obras de Dubuffet, mas também as *combine paintings* de Robert Rauschenberg (1925 - 2008) e a *junk sculpture*, e isso leva a pensar que a *assemblage* como procedimento passe a ser utilizada nas décadas de 1950 e 1960, na Europa e nos Estados Unidos, por artistas muito diferentes entre si.

Na obra de Dubuffet, a ênfase recai sobre a matéria, desde as *Texturologias*, produzidas em fins da década de 1950, que se caracterizam, como o título indica, pelas texturas experimentadas com cores e materiais diversos. Na sequência, o artista caminha na direção das *assemblages* pela incorporação de materiais não artísticos nas telas: areia, gesso, asas de borboleta, resíduo industrial etc. Na Itália, Alberto Burri (1915), autor de pinturas e colagens, volta-se na década de 1950 para pesquisas semelhantes, explorando as potencialidades expressivas da matéria com resultados distintos.

Os trabalhos são frutos do ato de soldar, costurar e colar sacos, madeiras, papéis queimados, paus, latas e plásticos (*Saco*, 1953, *Combustões*, 1957, e *Ferros*, 1958). Suas pesquisas com lixo e sucata prefiguram a arte *junk* norte-americana e a arte *povera* italiana. Na Espanha, a "pintura matérica" realizada por Antoni Tàpies (1923), no mesmo período, utiliza cimento, argila, pó de mármore, materiais de refugo (restos de papel, barbante e tecidos), parte de móveis velhos etc. Sua crença nas possibilidades abertas pelo uso artístico de materiais cotidianos encontra-se explicitada no ensaio *Nada É Louco* (1970).

Nos Estados Unidos, Rauschenberg denomina *combine paintings* as *assemblages* que começa a ensaiar em 1951 pela aplicação de diversos materiais sobre a tela, sobretudo papéis e materiais planos. A partir de 1953, o leque de elementos utilizado se amplia (*Bed*, 1955, e *Canyon*, 1959). A abertura da pesquisa com materiais remete às influências do músico John Cage, com quem aprende a assimilar informações díspares do entorno, das cidades e da vida cotidiana. As *combine paintings* de Rauschenberg propõem múltiplas associações e leituras na medida em que não há temas predeterminados ou sentidos últimos que organizem os conjuntos. Nessa medida, estão muito distantes dos experimentos surrealistas, que usam a justaposição de materiais pela livre associação como chave de acesso ao inconsciente.

As chamadas *junk sculptures* - que vêm à luz por meio dos trabalhos pioneiros de David Smith (1906-1965) - fazem uso de refugo industrial, sucatas e materiais descartados de todo tipo, o que já havia sido testado pelas esculturas de Pablo Picasso (1881 - 1973) e Julio González (1876 - 1942). Os conjuntos evocam o ambiente caótico das cidades, o fluxo desordenado das ruas dos grandes centros, por exemplo, *H.A.W.K* (1959), de John Chamberlain (1927), construído com carcaças de automóveis, ou os trabalhos de Ettore Colla (1899-1968), que realiza suas obras com componentes de máquinas, sucatas e objetos quebrados, ou ainda as obras de Mark di Suvero (1933), com resíduos industriais (*Mohican*, 1967).

Podem-se lembrar também as "acumulações junk" de Jim Dine (1935), combinando pinturas e ferramentas variadas (*Five Feet of Colorful Tools*, 1962) e as máquinas de Jean Tinguely (1925 - 1991), entre elas, *Homenagem a Nova York: Obra de Arte que Se Autoconstrói e Se Autodestrói* (1960), feita com fragmentos de máquinas, pedaços de bicicleta, piano vertical etc. Na Inglaterra, as esculturas de Anthony Caro (1924), da década de 1960, executadas com vigas, tubulações de alumínio, placas de aço etc., seguem as trilhas abertas pela obra de D. Smith.

Assemblages foram também realizadas no interior do chamado Novo Realismo da década de 1960, que tem como princípio a utilização de imagens triviais do imaginário da sociedade de massas e objetos de uso cotidiano (cartazes publicitários, imagens cinematográficas, fotos de revistas, plásticos, luzes néon etc.), trabalhados com base na ideia de bricolagem. Destacam-se os nomes de Arman (1928), conhecido por suas assemblages de objetos descartados (*Arteriosclerose*, 1961, e *Acumulação de Bules Partidos*, 1964) e Domenico Rotella (1918), que trabalha com cartazes publicitários rasgados (*O Asfalto na Noite*, 1962).

No Brasil, é possível localizar procedimentos próximos ao da assemblage em alguns trabalhos de Wesley Duke Lee (1931), Nelson Leirner (1932) e Rubens Gerchman (1942 - 2008) como *O Rei do Mau Gosto* (1966) - com tecido, vidro, asas de borboleta e tinta acrílica - Rochelle Costi (1961) - *Toalha, Vegetais Mofados e Toalha, Flores Mortas* (ambos de 1997) - e Leda Catunda (1961), *Jardim das Vacas* (1988) e *Camisetas* (1989).

Fonte: [www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)

## **Definição**

*Assemblage" deriva do francês assembler - reunir, juntar, acumular.*

*O primeiro a utilizar esse termo para designar uma obra foi Jean Dubuffet*

O termo assemblage é incorporado às artes em 1953, cunhado por Jean Dubuffet (1901 - 1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de assemblages é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. O trabalho artístico visa romper definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana;

A ideia forte que ancora as assemblages diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. Menos que síntese, trata-se de justaposição de elementos, em que é possível identificar cada peça no interior do conjunto mais amplo. A referência de Dubuffet às colagens não é casual.

Nas artes visuais, a prática de articulação de materiais diversos numa só obra leva a esse procedimento técnico específico, que se incorpora à arte do século XX com o cubismo de Pablo Picasso (1881 - 1973) e Georges Braque (1882 - 1963). Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade - pedaços de jornal, papéis de todo tipo, tecidos, madeiras, objetos etc. -, a colagem liberta o artista de certas limitações da superfície.

A pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, o que pode dificultar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura. Em 1961, a exposição *The art of Assemblage*, realizada no Museum of Modern Art - MoMA de Nova York, reúne não apenas obras de

Dubuffet, mas também as combine paintings de Robert Rauschenberg (1925 - 2008) e a junk sculpture, e isso leva a pensar que a assemblage como procedimento passe a ser utilizada nas décadas de 1950 e 1960, na Europa e nos Estados Unidos, por artistas muito diferentes entre si.

Fonte: [www.lisakokin.com/](http://www.lisakokin.com/)



Jean Dubuffet - Hourloupe

### **Jean Dubuffet**

Pintor francês, Jean Dubuffet nasceu em 1901, no Havre, França. Estudou no liceu da sua cidade natal e, em 1916, ingressou na Escola de Belas-Artes da mesma cidade. Em 1918 completou a sua formação em Paris, na Academia Julian, durante seis meses, após o que se dedicou inteiramente à pintura. Os trabalhos que realizou após a Primeira Guerra Mundial constituem uma reação contra o radicalismo estético de algumas das vanguardas de inícios do século.

Em 1937, abandonou a carreira artística durante cinco anos, mais tarde retomou-a e desenvolveu trabalhos parcialmente figurativos, em que utilizou, de forma crua e rude, materiais insólitos. Estes materiais (pastas espessas, barro, asfalto, areia, etc.) são explorados a partir das suas possibilidades expressivas, procurando substituir a tradicional importância do cromatismo na definição das formas. No quadro "Banda Jazz" (1944), as figuras apresentam cores arbitrarias, aplicadas de modo pouco convencional, e são definidas pelos seus contornos, obtidos através de sulcos e mutilações da superfície da tela, num efeito próximo do graffiti.

Em 1948, Jean Dubuffet criou a Companhia da Arte Bruta, utilizando o termo Art Brut para descrever o tipo de arte criada por psicóticos, crianças ou pessoas sem formação artística, presente em inúmeras manifestações de culturas arcaicas e populares e nos graffiti. Desenvolveu então um estilo naïf, bem representado pelas telas "Gymnosophie" (1950), "The dog on the table"

(1953) e pela colagem "Dimpled Cheeks", realizada em 1955, que apresenta uma personagem infantil feita com asas de borboleta.

Este sentido do primitivo, ou melhor, esta recolha das potencialidades expressivas das formas produzidas à margem do mundo sofisticado (que Dubuffet considera mais sinceras e verdadeiras que as dos artistas profissionais), na acentuação do primitivo por contraste com o civilizado, transmitia cada vez mais à sua obra um carácter ingênuo, infantil e irônico.

Embora num período inicial os seus trabalhos fossem muitas vezes motivos de escárnio por parte da crítica e do público, mais tarde foi devidamente reconhecida a importância da obra de Dubuffet, enquanto precursora de muitas correntes artísticas desenvolvidas na segunda metade do século XX (como o Expressionismo Abstracto e o Informalismo).

Jean Dubuffet morreu em Paris em 1985.